

UMA BREVE LEITURA DE POSSÍVEIS ASPECTOS TRÁGICOS EM TRÊS CONTOS DE FADA: CHAPEUZINHO VERMELHO, A CINDERELA E A BRANCA DE NEVE

Stéfanie Mayara Melo Miranda de VASCONCELOS (UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: Os contos de fada há séculos encantam e povoam o mundo imaginário da criança. E, embora mágico, em muitos deles, nem tudo são flores. Sendo, por um lado, um texto de suma relevância para se ler com/para crianças e, por outro, ter aspectos aos quais poderíamos chamar de “fortes” para ler com/para crianças, ele acaba sendo um texto que deve ser sempre alvo de leituras mais atentas para detectar, entre outros aspectos, possíveis ciladas que estes textos porventura tragam em seu bojo. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo identificar possíveis aspectos trágicos em três contos de fada, a saber: *Chapeuzinho Vermelho*, *A Cinderela* e *A Branca de Neve*. O intuito é analisar tais aspectos buscando entender como e por que poderiam ser considerados trágicos e ponderar sobre possíveis aspectos negativos e/ou positivos dos mesmos na e para a vida da criança. Para atingir as propostas, partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico embasados em Bettelheim (2002), Cashdan (2000), entre outros. Quanto à estrutura do trabalho, primeiro falaremos das características dos contos de fadas e a concepção de trágico, em segundo momento procederá às análises dos contos citados.

Palavras-chave: Trágico. Contos de fada. Crianças.

Os contos de fada constituem um gênero textual que tem atravessado muitas gerações. Nos últimos séculos, ele tem sido utilizado com o público infantil, pois são histórias breves, tem vocabulário simples, entre outros aspectos que vêm ao encontro desse público.

Contudo, nesse mundo mágico dos contos de fadas nem tudo são flores, pois muito embora seja um texto de suma relevância para se ler com/para crianças, ele pode conter aspectos aos quais poderíamos chamar de “fortes” para ler com/para crianças. Por isso, em particular, ele acaba sendo um texto que deve ser sempre alvo de leituras mais atentas para detectar, entre outros aspectos, possíveis ciladas que estes textos porventura tragam em seu bojo.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo identificar possíveis aspectos trágicos em três contos de fada, a saber: *Chapeuzinho Vermelho*, *A Cinderela* e *A Branca de Neve*. O intuito é analisar tais aspectos buscando entender como e por que poderiam ser considerados trágicos e ponderar sobre possíveis aspectos negativos e/ou positivos dos mesmos na e para a vida da criança.

Para atingir as propostas, partimos de uma pesquisa de cunho bibliográfico embasados em Bettelheim (2007), Cashdan (2000), entre outros. Quanto à estrutura do trabalho, primeiro falaremos das características dos contos de fadas e a concepção de trágico, em segundo momento apresentaremos e discutiremos a análise dos contos citados. E, por fim, traremos as conclusões a que se chegou este trabalho.

No que tange aos contos de fadas, para melhor compreender o que vem a ser este gênero, cabe mencionar que, como é sabido, inicialmente, eles não eram destinados às crianças, pois eram histórias contadas entre os adultos. Uma das justificativas para tal fato é que nem sempre a concepção de criança foi essa que temos hoje. Ou seja, hoje existe uma divisão entre as várias fases da vida do indivíduo, a saber: criança, adolescente, adulto... etc. Nem sempre foi assim, e não havendo essa distinção e especificidades de direito e deveres, contidos em lei, a criança, nos séculos anteriores ao século XVII, eram vistas, de acordo com alguns estudiosos, como adultos em miniatura.

Neste contexto histórico era comum, por exemplo, as crianças participarem desde cedo das responsabilidades familiares até as sessões de julgamentos da corte e orgias, assim como era normal o pai iniciar a filha no ato sexual. Segundo registra Cashdan (2000), “é por isso que muitos dos primeiros contos de fada incluíam exibicionismo, estupro e voyeurismo.” Em outras palavras, em sua forma original, os textos traziam doses fortes de adultério, incesto, canibalismo e mortes hediondas, geralmente tinham finais macabros, sendo a pedofilia, a mutilação e o canibalismo aspectos recontados com naturalidade nessas histórias.

Quando a criança deixou de ser considerada um pequeno adulto e passou a ser vista como criança – com gostos, mentalidade, por exemplo –, diferente da de um adulto, passou-se a pensar também em uma literatura diferenciada para este ser. Uma vez que estava em processo de formação humana, social, moral, ética, entre outros. Desta forma, a literatura voltada para esse indivíduo deveria conter elementos de formação; pensou-se naquele momento. Neste sentido, os contos de fada passaram a ter uma função social, a literatura passou a ser direcionada às crianças com o intuito de modificar o comportamento, reforçando modelos e valores sociais que eram apresentados a elas como condutas a serem seguidas, onde o certo devia ser copiado e o errado evitado. Nesta mesma época as transformações começaram a ocorrer nos contos de fada, o que fizeram com que o lado mais sanguinolento da história perdesse ou tivesse menor ênfase como afirma Coelho (1991, p. 34):

Essa violência ou crueldade vai desaparecendo desses contos maravilhosos à medida que os tempos passam ou que a humanidade vai refinando seus costumes. Isso é facilmente notado nas alterações que se produzem em certos contos, ao passarem da versão de Perrault para a de Grimm e deste para as versões contemporâneas. Hoje transformados em literatura infantil, perderam toda a agressividade original.

Contudo, falar sobre a concepção de criança e/ou do conteúdo dos contos de fada lá nos primórdios não é suficiente, cremos, nem explica os contos de fada que lemos hoje para nossas crianças. Sendo assim, cabe voltarmos ao gênero conto de fadas, mas agora partindo do termo da palavra em si.

Etimologicamente falando, a palavra fada vem do latim *fatum*, que significa destino, fatalidade e os contos de fada, a título de curiosidade, têm origem celta. É um gênero que prima pela brevidade, como já foi colocado acima. Além disso, seu enredo está inserido dentro de um universo que não é aqui, nem ali, isto é, é um mundo à parte. Por isso eles são enquadrados e estudados dentro do Maravilhoso. Em outras palavras, por não se enquadrar nos textos ficcionais nos quais existem o que chamamos de verossimilhança, os contos de fada, portanto, são literaturas consideradas pertencentes ao Maravilhoso, assim como tem literaturas que se enquadram dentro do Realismo mágico ou do Fantástico – tudo literaturas que fogem do mundo “real”.

Ainda no tocante aos contos de fada, geralmente o título do conto é o nome da personagem principal e todo o enredo se desenvolve em torno desta personagem e da tragédia acerca dela. É um conto que personifica o bem e o mal, como descreve Bettelheim (2007, p. 16)

Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal são corporificados sob a forma de algumas personagens e de suas ações, uma vez que o bem e o mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É essa dualidade que coloca o problema moral e requer a luta para resolvê-lo.

Quando analisamos muitos desses contos, nos deparamos não apenas com uma singela história, mas com uma gama de tramas e cenas que nos mostram que estes contos vão muito além do que uma leitura supérflua nos propõe, a simbologia nos mostra muitas outras lições por traz de um conto e também na própria narrativa podemos identificar as tragédias, como veremos nos contos, *A Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A cinderela*.

Antes, contudo, de iniciarmos a leitura sobre o trágico nestes três contos, cabe entender, agora, a concepção de trágico/tragédia no sentido dicionário do termo.

É comum ouvirmos termos como “Nossa, aconteceu uma tragédia!” ou “O personagem fulano teve um fim trágico”, sem, contudo, haver sangue, tiroteio ou morte. Sendo assim, afinal, o que caracteriza algo trágico, o que faz algo ser, de fato, uma tragédia?

No que se refere à tragédia, cabe ressaltar que nosso estudo não está relacionado à tragédia grega, que é outro gênero literário. Trataremos de tragédia, no sentido dicionário do termo, portanto, consta no *Dicionário Aurélio*, a seguinte definição:

Tragédia. 1.(...).4.Fig. Acontecimento que desperta lástima ou horror; ocorrência funesta; sinistro. 5. Fig. Mau fado; desgraça, infortúnio. Fazer tragédia de. Dar aspecto trágico a (um fato ou acontecimento mais ou menos insignificante). (1986, p. 1697)

O termo funesto, no mesmo dicionário, é definido da seguinte forma:

Funesto: Adj. 1. Que fere mortalmente; fatal, mortal: acidente funesto. 2. Que prognostica desgraça, desventura; infiusto; notícia funesta. 3. Que produz tristeza, amargura; lutooso, doloroso, angustioso, aflitivo: acontecimento funesto. 4. Danoso, prejudicial, nocivo: empreendimento funesto; resolução funesta. 5. Desastroso, ruinoso: consequências funestas. (1986, p. 822)

Já o dicionário *Larousse* (2000, p. 880 e 453, respectivamente) define os termos tragédia, trágico e funesto como:

Tragédia s.f. (...) 3. Fig. Acontecimento funesto. – 4. Fig. Desgraça; fatalidade. Trágico adj. (Do gr. *tragikos*, pelo lat. *Tragicus*.) [...] – 2. Fig. Funesto, sinistro. – 3. Que reage com excessivo fatalismo a pequenos contratempos. Funesto adj. (Do lat. *funestus*) 1. Que provoca a morte, a desgraça. – 2. Nocivo, fatal. – 3. Que prognostica a morte. – 4. Deplorável, desventurado, infeliz. – 5. Infausto, cruel, aterrador.

A enciclopédia *Barsa Universal* (2009, p. 6052), por sua vez, traz a seguinte definição para:

Tragédia (do latim *tragoedia*) s.f. 1. 2. 3. 4. Fig. Acontecimento funesto. Funesto, a: (do latim *funestu-*) adj. 1.que causa a morte, que fere mortalmente; fatal. 2.Que enluta, que amargura. 3.Deplorável, trágico. 4.Nocivo, prejudicial, danoso. 5. Relativo à funera; funerário. 6. Fig. Negro, tenebroso.

Usamos estas três definições para que a partir delas possamos compreender o conceito de trágico aplicado nas histórias em análise. A partir deste ponto, vamos indicar dentro das histórias os aspectos considerados trágicos conforme as definições acima expostas.

Como já foi dito, os contos de fada eram de tradição oral, no século XVII Charles Perrault (1628 – 1703) foi um dos primeiros a escrever muitos contos relatados oralmente, o que culminou com a obra *Contos da mamãe Gansa*, no século seguinte no ano de 1812, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm publicaram *Os contos da infância e do lar*, e Hans Christian Andersen, em 1835, publicou *Histórias contadas às crianças*. Foi a partir das traduções destas obras que muitos dos contos de fada chegaram até nós, também são eles que contêm os contos dos quais trataremos a seguir. A história d'A Branca de Neve, como já é sabido, gira em torno de um casal que sonha com uma filha idealizada e a esposa, que era uma

[...] rainha. [...]. Enquanto costurava, olhou para a neve e espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram sobre a neve. O vermelho pareceu tão bonito contra a neve branca que ela pensou: “Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da moldura da janela.” Pouco tempo depois, deu a luz uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Chamaram-na Branca de Neve. [...] Quando chegou aos sete anos, havia se tornado tão bonita quanto o dia e mais bonita que a própria rainha. (GRIMM, 2010, p. 129).

Quanto aos aspectos trágicos, partindo do pressuposto que trágico é um “acontecimento funesto” (BARSA UNIVERSAL, 2009, p. 2648) e que funesto se refere a algo “que fere mortalmente; fatal, mortal: acidente funesto. 2. Que prognostica desgraça, desventura; infausto; notícia funesta. 3. Que produz tristeza [...]”, no conto d'A Branca de Neve tem-se já logo no início um acontecimento trágico, visto que “A rainha morreu depois do nascimento da criança.” A morte da mãe por si só já é uma tragédia para uma criança, esse fato piora quando “um ano mais tarde o rei casou-se com outra mulher. Era uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante” (GRIMM.

2010, p. 129). Ou seja, uma mulher orgulhosa e arrogante não personifica o ideal de uma mãe/madrasta e, sendo assim, a tragédia na vida de Branca de Neve persiste, ainda mais por que é perseguida pela madrasta que “não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela” E quando a madrasta ouve a revelação feita pelo espelho de que Branca de Neve é a mais bela,

a rainha pôs-se a tremer, e seu rosto ficou verde de inveja. Desse momento em diante, odiou Branca de Neve. Sempre que batia os olhos nela, seu coração ficava frio como uma pedra. A inveja e o orgulho medraram como pragas em seu coração. Dia e noite, ela não tinha um momento de paz. (GRIMM, 2010, p. 131).

Além disso, considerando que tragédia é uma “Desgraça; fatalidade.” *Larousse* (2000), a história nos apresenta mais uma tragédia quando a rainha ordena ao caçador que “Leve a criança para a floresta. Nunca mais quero ver a cara dela. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou” (GRIMM. 2010, p. 131). Entretanto, Branca de Neve teve sua vida poupadapós suplicar por piedade ao caçador, contudo, “a pobre menina foi deixada sozinha na vasta floresta” (GRIMM. 2010, p. 132). Neste episódio definimos a tragédia pelo fato despertar lástima e/ou ser um acontecimento funesto, uma vez que se pressupõe que o caçador apenas poupou a si mesmo de carregar a culpa da morte da menina, mas estava certo de que os animais o fariam, deixando Branca de Neve abandonada de noite numa floresta, sem comida, sem proteção, tão assustada que lhe coube apenas correr até ser abatida pelo próprio cansaço.

Mas a tragédia nesse conto não termina aí, pois ao descobrir que fora enganada pelo caçador, a rainha

[...] pôs-se a maquinar uma maneira de se livrar dela. Se não fosse a mais bela de todo o reino, nunca seria capaz de sentir outra coisa senão inveja. Finalmente concebeu um plano. [...] Assim disfarçada, viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando, bateu a porta e anunciou: “Mercadorias bonitas a precinho camarada.” [...] Branca de Neve não estava nem um pouquinho desconfiada. Postou-se diante da velha e deixou que ela arrumasse o cadarço novo. A velha apertou o cadarço tanto e tão de pressa que Branca de Neve ficou sem ar e caiu no chão como se estivesse morta. “Agora quero ver quem é a mais bela de todas”, disse a velha, afastando-se depressa. (GRIMM, 2010, p. 136).

Neste contexto, considerando “Tragédia: Acontecimento funesto. [...] Funesto: Que prognostica a morte” (LAROUSSE, 2000), pode-se, portanto, considerar trágico os atos narrados no trecho acima. E ela é ratificada por três vezes, visto que

Ficou horrorizada ao saber que a Branca de Neve continuava viva. “Mas desta vez”, disse ela, “inventarei alguma coisa para destruí-la.” Usando toda a bruxaria que conhecia, fabricou um pente envenenado. [...] A pobre Branca de Neve não desconfiou de nada e deixou a mulher fazer como queria. [...] “Pronto, minha bela”, disse a perversa mulher. “Está liquidada.” (GRIMM. 2010, p. 138).

E pela terceira vez, a obsessão pela morte da menina fez com que a rainha colocasse sua própria vida em risco.

“Branca de Neve ainda vive e floresce, e sua beleza jamais foi superada.” Ao ouvir as palavras pronunciadas pelo espelho, a rainha começou a tremer de raiva. “Branca de Neve tem que morrer!” exclamou. “Mesmo que isso custe a minha vida.” [...] e confeccionou uma maça cheia de veneno. [...] Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha contemplou-a com olhos furiosos e explodiu numa gargalhada. [...] Finalmente o coração invejoso da rainha ficou em paz. (GRIMM, 2010, p. 140).

Nesse episódio a tragédia é definida pelo infortúnio ocorrido com Branca de Neve. E o terceiro momento trágico, a morte da menina, foi tão ‘real’ que “colocaram Branca de Neve num caixão” (GRIMM, 2010, p. 142). Trágico por que a menina foi posta viva dentro de um caixão, onde permaneceu por três dias e depois foi posta num caixão de vidro e a urna foi deixada em cima de uma montanha e lá “Branca de Neve ficou no caixão por muito, muito tempo” (GRIMM, 2010, p. 142).

E, por fim, outro aspecto trágico, pois “doloroso, angustioso, aflitivo” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1986, p. 822), ocorreu quando, após Branca de Neve ter sido despertada pelo príncipe e com ele ido embora, houve uma grande festa em celebração às núpcias, a Rainha foi convidada e armou mais uma cilada para a menina, qual seja:

Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre um fogo de carvões. Foram levados com tenazes e postos bem na sua frente. Ela teve de calçar os sapatos de ferro incandescentes e dançar com eles até cair morta no chão. (GRIMM, 2010, p. 144).

Esta é uma tragédia que causa certo horror no leitor, devido ao alto grau de maldade. E inserido num conto infantil, fica ainda pior. Na verdade todos os momentos de clímax das histórias são respaldados pelos aspectos negativos: vingança, inveja, assassinato.

No que diz respeito à história d'*A Cinderela*, esta trata de uma menina, filha de um

[...] um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo. (PERRAULT, 2010, p. 19).

É necessário sabermos que este conto possui várias versões, a princípio, tomaremos como referência a versão de Charles Perrault. E em relação ao texto contido nesta versão, para Bettelheim (2007, p.328),

“Cinderela” fala a respeito das agoniás da rivalidade fraterna, de desejos se tornando realidade, de humildes sendo exaltados, do verdadeiro mérito sendo reconhecido mesmo quando oculto sob farrapos, da virtude recompensada e da maldade castigada.

Nesta versão, o narrador não nos define a idade de Cinderela, no entanto a trata por “menina”, o que não nos é suficiente para afirmar que as tragédias subsequentes ocorrem com uma

criança. Independente disso, o que fica evidente é o fato de que as tragédias envolvendo Cinderela iniciam-se após o casamento de seu pai, pois

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, com camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés. (PERRAULT, 2010, p. 19).

Partindo do pressuposto que tragédia é um “acontecimento que desperta piedade ou horror” (GAMA KOURY, 2001, p. 658), analisando o trecho acima, podemos afirmar que estes são acontecimentos trágicos. E a tragédia advém quando o leitor se conscientiza da injustiça sofrida pela menina que sem mãe, mesmo estando dentro da própria casa, é obrigada a viver em condições indignas a sua idade e sua posição naquela casa.

Considerando ainda que tragédia é um “acontecimento que desperta piedade” (GAMA KOURY (2001) e um “acontecimento que desperta lástima” (AURÉLIO, 1986), quando, “depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas” (PERRAULT, 2010, p. 20), podemos dizer, então, que há uma tragédia, visto que os leitores, muito provavelmente, se apiedam da situação da menina.

Já na versão dos Irmãos Grimm, diferente da versão de Perrault, o conto não é intitulado como *A Cinderela*, e sim, *A Gata Borralheira*. Esta versão é bem mais trágica que a primeira, e os aspectos trágicos já se iniciam quando

A mulher de um ricaço adoeceu e, quando sentiu que seu fim se aproximava, chamou a única filha do casal ao seu quarto e disse: [...], continue a ser devota e boa [...] Dizendo isso a **mulher fechou os olhos e deu seu último suspiro**. (GRIMM, 2005, p. 55 – grifos nossos).

O trecho apresenta dois momentos trágicos: a morte que é, por si só, um “acontecimento funesto” (BARSA UNIVERSAL, 2009, p. 2648) e o fato de que a menina assiste à morte da própria mãe, visto que esse fato leva o leitor a se apiedar ainda mais da menina pois, como já comentado, a tragédia é um “acontecimento que desperta piedade ou horror” (GAMA KOURY, 2001, p. 658).

O próprio narrador faz referência às posteriores “tristezas” que sucederam na história, as ofensas, menosprezos, insulto e humilhações, bem como a restrição às condições mínimas de descanso.

A nova mulher trouxe suas duas filhas [...] malvadas e feias por dentro. Assim começou um período de tristeza para a infeliz enteada.

– Essa **pateta** vai se sentar conosco na sala? [...] Vá **se sentar com a ajudante de cozinha**.

Confiscaram suas roupas bonitas, a fizeram vestir uma roupa cinzenta e lhe deram tamancos de madeira para calçar.

[...] caçoaram ao levá-la para a cozinha. A **menina foi obrigada a fazer trabalhos pesados de manhã à noite** [...]. Não satisfeitas, as irmãs lhe infligiam todos os vexames em que conseguiam pensar; zombavam dela e atiravam ervilhas e lentilhas no borralho para obrigar-a a se sentar para catá-las. À noite, quando ela estava exausta de tanto trabalhar, não tinha cama a que se recolher e ia se deitar no fogão sobre as cinzas. Por isso parecia sempre empoeirada e suja e a chamavam Borralheira. (GRIMM, 2005, p. 55 – grifos nossos).

Além disso, considerando que o trágico seja algo que remeta a um “acontecimento funesto: que causa danos, nefasto, desastroso, grave, perigoso, prejudicial” (HOUAISS, 2004, p. 358), tem-se um outro momento trágico quando

a mãe lhe entregou uma faca e disse:
– Corte o dedão; quando você for rainha não precisará mais andar.
A moça cortou o dedão, forçou o pé a entrar no sapato, sufocando a dor, e saiu com o príncipe. (GRIMM, 2005, p. 55).

Nesta versão, diferente da versão de Perrault, a imagem do pai de Cinderela não é ignorada, no desenrolar da narrativa há várias referências a ele, no entanto cabe a nós destacar apenas a forma como ele trata sua filha, comprovando que assim como as irmãs e a madrasta, ele também participaativamente nas tragédias das quais Cinderela é submetida.

– Não – disse o homem. – Só resta uma filha da minha falecida esposa, uma serviçal insignificante e mirrada, mas não é possível que seja a moça que procura. (GRIMM, 2005, p. 60).

Por fim, o narrador descreve uma verdadeira desgraça de forma natural. Mais que uma desgraça, na verdade, um fato trágico, “nocivo, deplorável, desventurado, infeliz, cruel, aterrador” (LAROUSSE, 2000, p. 453), quando

[...] o cortejo nupcial se dirigia à igreja, a mais velha se sentou à sua direita e a mais nova à esquerda, e os pombos furaram um olho de cada uma.
Mas na saída da igreja [...] os pombos furaram o outro olho de cada uma. Assim a maldade e a falsidade delas foram punidas para o resto da vida com a cegueira. (GRIMM, 2005, p. 61).

A história d'*A Chapeuzinho Vermelho*, por sua vez, também tem inúmeras versões. No entanto, neste trabalho trataremos apenas das versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. Há inúmeros estudos em diversas áreas que apontam várias significados ocultos nessa história, como aspectos relacionados à sexualidade que podem estar subentendidos em alguns trechos da primeira versão, no entanto aqui nos ateremos apenas às possíveis tragédias descritas buscando compreender o que as define como tragédias. Em outras palavras, não cabe a este estudo as suposições e nem os significados subliminares d'*A Chapeuzinho Vermelho*.

Essa é uma história da

[...] menina mais bonita que poderia haver. [...]. Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse:
“Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que ela está doente.” [...] Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que

morava numa aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. (PERRAULT, 2010, p. 77).

Identificamos, porém, que para a concretização da tragédia, Perrault nos descreve a astúcia do lobo e a ingenuidade e ou pureza de Chapeuzinho Vermelho, fatores determinantes para que o lobo engane a menina e assim possa concretizar o que aqui definimos por tragédia.

“Sua avó mora muito longe?” perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho Vermelho.

“Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.”

“Ótimo disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.” (PERRAULT, 2010, p. 78).

Por fim, considerando as definições vistas para tragédia, Chapeuzinho Vermelho na versão de Perrault tem um final demasiadamente trágico, com traços de canibalismos, violência e morte tão presentes em contos de fadas na sua originalidade.

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. [...] Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela: [...] “Minha avó, que dentes grandes você tem!” “É para comer você.” E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu. (PERRAULT, 2010, p. 79).

Perrault conclui a história aqui, não há nenhum herói salvador, as duas são simplesmente devoradas e graças à ingenuidade e desobediência de Chapeuzinho Vermelho, uma história que ameaça a criança com um final que causa medo e angústia. Vale ressaltar que Perrault publicou este conto pela primeira vez em 1697 e não era sua intenção fazer um conto de fadas, tanto que o texto nos apresenta uma moral no fim da história, nesta moral ele evidencia que o lobo é utilizado na história como uma metáfora, nesse caso, a história é um alerta às meninas para que não sejam desobedientes e que há grande perigo em falar com pessoas estranhas, ainda que estas pareçam pessoas boas, uma vez que estas são ainda piores.

A versão dos Irmãos Grimm é mais popularmente conhecida, foi publicada pela primeira vez no ano de 1812. Nesta versão, também a tragédia é concluída. Não foi alterado o conteúdo canibalesco e ainda foi acrescentada a aflição da criança ao se sentir ameaçada em um local que para ela é sempre alegre.

Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. [...]

“Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.” [...] “Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!” Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho. (GRIMM. 2010, p. 148).

No entanto, podemos perceber que em uma versão de mais de cem anos após o surgimento da outra, os Grimm tiveram uma preocupação em afastar o fim trágico e o castigo de Chapeuzinho Vermelho, assim, quem é castigado e tragicamente morto é o Lobo Mal. Além de ser vítima de tesouradas na barriga, acaba por ter sua barriga cheia de pedras e só depois morre e depois de morto ainda teve sua pele arrancada. Uma sequência de acontecimentos doloroso e violento, desgraças lidas para as crianças de forma natural.

Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora. [...] Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto. O caçador esfolou o lobo e levou a pele dele para casa. (GRIMM, 2010, p. 150).

Muitos estudos apontam que existem outras versões mais antigas, contadas por camponeses franceses do século XIV, em que Chapeuzinho Vermelho teria comido a carne da avó e bebido seu sangue sem saber.

Enfim, independente de quantas versões existam deste ou daqueles contos já analisados, o fato é que diante dos aspectos trágicos, da tragédia presente nos contos aqui analisados, nos questionamos se haveria (e em havendo, qual (is)?) aspecto (s) positivo (s) negativo (s) por detrás de tantos fatos violentos e trágicos nos contos de fadas.

Conforme visto, podemos perceber que os contos de fada vão muito além de histórias leves, pois, na verdade, podem atuar como um possível meio de aquisição de valores morais. Também pode ser um caminho possível para despertar o gosto pela leitura nas crianças. Por isso, entre outros aspectos, os contos de fada, de modo geral, e em particular os aqui apresentados, têm sim um aspecto positivo na vida da criança, mas por outro lado, pode também ter algo de negativo.

No que se refere ao aspecto positivo, pode ser que a partir das perdas sofridas pelas personagens ainda criança, por exemplo, a criança ao ler tais contos projete e entenda que a perda de entes queridos seja algo natural e passível de acontecer na vida do indivíduo. Isso não implica dizer que o conto de fadas a deixará preparada para tal coisa, pois sabemos que nada nos prepara o suficiente para a perda de entes queridos. Mas pelo menos o conto de fada coloca, de maneira ilusória, essa questão da vida no universo infantil desde cedo.

Além disso, como já é sabido, outro ponto positivo na leitura de contos de fada para crianças é o fato de o mesmo incutir nas mesmas a consciência entre o Bem e o Mal, o Certo e o Errado. E faz isso quando pune aquele que fez coisas que, moralmente, na cultura ocidental, é considerado errado e glorifica/presenteie com a felicidade, por exemplo, aquele que se comportou bem, que fez o certo. Esses aspectos podem, de alguma maneira, contribuir para solidificar a personalidade, a moral da criança. Ou seja, podem ir aprendendo com os contos de fada que a

maldade/desonestidade não compensa, que não é um caminho viável, pois as consequências finais não são agradáveis e que elas virão, seguramente, pois sempre haverá um preço a pagar pelas nossas atitudes.

Quanto aos aspectos negativos, podemos concluir que há situações em que a criança interpreta e internaliza o conto à sua maneira, introjetando um personagem de forma tal que acredita ser de fato a personagem, o que pode levá-la a machucar uma criança achando que se transformou no lobo cheio de maldade.

Outro aspecto negativo e que tem sido alvo de estudos é o fato de que esses contos ratificam estereótipos de beleza antropocêntrica, ou seja, eles reforçam a ideia de determinado tipo de mulher, qual seja: da mulher branca, com traços europeus, e com isso acaba excluindo ainda mais quem já vive à margem.

Posto isso, chega-se ao final desse trabalho com duas conclusões óbvias. Há muitas lições de vida implícita e explícita nestes textos. Contudo, talvez devido ao período em que o conto de fada se originou, momento em que a criança ainda não era vista enquanto criança, nota-se que os contos, em particular os que foram aqui abordados, são preenchidos de vários tipos de tragédia, que num primeiro contato podem amedrontar a criança.

Conclui-se também que com o passar dos séculos, autores procuraram retirar, modificar ou abrandar os fatos violentos contidos nos contos de fada, talvez com o intuito de amenizar o impacto que a tragédia possa causar no imaginário infantil. No entanto, pode ser necessário o contato da criança com as tragédias, como já foi dito, para, de alguma forma, solidificar a personalidade, fortalecer suas emoções e depará-la, mesmo que no imaginário, com acontecimentos inevitáveis como a morte.

Referências

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

AURÉLIO Buarque De Holanda. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1986.

BARSA Universal. 2. ed. São Paulo: Editora Barsa Planeta, 2009.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 22. ed. São Paulo: Paz e terra, 2007.

CASHADAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1991.

CONTOS de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LAROUSSE Cultural. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

MINIDICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ROSA, Ubiratan (Org.). **Dicionário Gama Koury da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.